NOVELLAE OLIVARUM



ANO IX / OUTUBRO 1951 / N.º 88

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI—OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — FERNANDO MAURÍCIO
Redactores — FERNANDO CAMPOS
— JOÃO PERESTRELLO
Proprietário e Editor — INÁCIO VIEGAS
Administrador — MANUEL HEITOR

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 25$00

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Casa Portuguesa —Rua das Gáveas, 103 — Lisboa

SUMÁRIO

Abertura — O Director 123

A Mensagem de Fátima — C.º Amaro 126

Problemas da cristandade — A. J. J. A. 128

A Campanha do Rosário pela Paz 131

Liturgia do Matrimónio — A. Santos Duarte 133

Leituras litúrgicas em língua vernácula — D. Weber 138

Crónica de hoje 145

Apesar de toda a boa vontade, não nos permitem as actuais circunstâncias manter por mais tempo as condições extraordinárias de assinatura, que esta administração vinha mantendo. Vemo-nos por isso obrigados a modificar o preço da assinatura anual para 25$00.

A ADMINISTRAÇÃO

E. PINTO BASTO & C.A, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

CARVÃO

SEGUROS

REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.A, L.DA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme a norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Pôrto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PÔRTO

ROSSIO, 93, 2.°
LISBOA

Livraria e Papelaria Moderna

Machado & Ribeiro, L.da

Livraria Católica Portuense

LARGO DOS LOIOS, 50 — PORTO — TELEFONE, 2 5156

Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros

Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos

Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação, Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 13$00 — Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00 — História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00 — Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 13$00 — Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur, 12$50 — Caminho da Perfeição por Santa Teresa de Jesus, 16$00 — Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 12$00 — Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr. António Ferreira Pinto, 10$00 — Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50—Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00—Beleza e Grandeza do Sacerdócio, pelo P.e Quillard, 25$00 — Manual das Noviças, 14$00

Material escolar ——————— Peçam catálogos indicando o género de livros

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSAS

com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

COMPANHIA VELHA

PORTO — Rua das Flores, 69 —

LISBOA — Praça dos Restauradores, 14

SACOR

A SACOR *é uma indústria nacional.*

Os seus produtos devem ser preferidos por todos os portugueses

COMBUSTÍVEIS — LUBRIFICANTES

Capital: 50 milhões de Escudos

Escritórios: **Rua do Alecrim, 57** Refinaria: **Cabo Ruivo**

ABERTURA...

Neste processo de evolução histórica, a que hoje estamos assistindo, desenham-se os movimentos mais antagónicos, as direcções mais diversas em todos os sectores sociais. Novos estudos, novas descobertas, aperfeiçoamento das técnicas, vão revelando segredos insuspeitáveis e que farão sem dúvida, variar quase toda a estrutura social em que temos vivido.

Se cada século tem trazido ao seu antecessor um horizonte diferente, embora em perspectivas lentas e sucessivas que são como que o desenrolar e desabrochar natural da sua própria evolução, os últimos cinquenta anos parece terem ultrapassado as premissas postas pelos séculos XVIII e XIX. Tem-se como que a impressão de que as últimas cinco décadas foram vividas mais depressa; há uma desproporção nítida entre p. e. 1850-1900 e 1900-1950. Mais ainda: se nos tempos passados o horizonte do futuro histórico se poderia — tanto quanto possível — antever, hoje em meados do século XX, não poderemos sequer tènuemente vislumbrar o que nos espera. A todo o momento novos problemas, novos aspectos, uma evolução tão progressiva, tão rápida que não permite lançar previsões. Para onde caminharemos nós? Porventura para a derrocada final?

Neste espraiar de vistas sobre um futuro incógnito, muitos dos prognósticos são aterradores: há quem proclame tal agravamento da miséria social que as glebas desta pobre terra não darão o suficiente para que os seus habitantes não morram de fome; alguns afirmam que certos meios de destruição atómica, tão desenvolvidos e aperfeiçoados, podem levar o globo a desaparecer sob os efeitos terrìvelmente catastróficos duma explosão. Outros, estão convencidos de que se vai operar uma renovação decisiva, embora ignorem qual seja.

Se muitos seres humanos navegam nos mares oscilantes desta incerteza, há uma classe de homens para os quais não é possível semelhante atitude. São os cristãos. Para estes não pode haver dúvidas.

Embora no meio de tais vicissitudes, o cristão sabe que a sua redenção de modo algum está comprometida. Cristo permanece a grande, a única Esperança. A Igreja é uma realidade viva, permanente, operante. Enquanto sociedade de homens está sujeita às contingências dos tempos e até aos próprios desvios humanos — recorde-se a história da Igreja — porém naquilo que tem de íntimo, de profundo, de essencial, isto é na sua realidade de sociedade salvífica, fica serena, imutável perante todas as conturbações e descalabros históricos.

Abstraindo contudo deste último aspecto — garantias divinas de perpetuidade (usque ad consummationem saeculi) — que todavia não é possível desligar do outro, pois a Igreja é uma sociedade humano-divina, temos de confessar que vivemos hoje uma época singular. A Igreja no seu centro, desligada injustamente — embora com efeitos benéficos — do poder temporal, adquiriu um brilho talvez ainda não atingido noutro período da história, brilho este que tende a acentuar-se. A Igreja vive hoje uma época de vitalidade pujante. Continuando a não saber o que nos espera no campo das realidades terrestres, não podemos, no campo eclesiológico, formular as dúvidas atrás expostas sobre a intranquilidade do futuro. A página da história que vivemos é a aurora de uma radiosa esperança prometedora dum futuro glorioso.

Vive-se de facto na Igreja uma hora singular. Vive-se a hora de Cristo, no Seu Vigário, vive-se a hora de Maria, no Seu Coração Imaculado.

Hora de Maria — Hora do Papa
Hora do Vaticano — Hora de Fátima

E porquê este binómino singular?

Para dois grandes males, dois grandes remédios.

— Perante um cepticismo generalizado, uma desorientação crescente e um obscurecimento progressivo dos espíritos só há um caminho, só há uma luz. O caminho é o que leva a Roma, a luz é a que projecta o farol do Vaticano. À incerteza só pode opor-se a Verdade Infalível. O Papa é vigário d'Aquele que disse: «Eu sou a Verdade».

— Para destruir o endurecimento materialista, o ódio crescente e o vício degradante só o refúgio mais carinhoso, só o amor mais terno, só a pureza mais brilhante; numa palavra, só o Coração Imaculado de Maria. *Estas as duas grandes esperanças do Mundo Cristão:* MARIA, o PAPA.

Esta a realidade palpitante que nos não pode ser estranha. Temos de realizar a Mensagem de Fátima, e a Mensagem do Papa.

Se queremos levar a alma a Deus pelo Coração de Maria temos de seguir um programa desdobrado em dois aspectos: 1) Pela acção pessoal, pela conquista, pela oração, pelo sacrifício, numa palavra, pela Acção Católica trazer as almas à *Igreja;* 2) Por uma vida cristã, séria, forte, haurida das verdadeiras fontes, espiritualizar os conquistados e revigorar, santificar os fiéis.

E assim para esta grande obra de levar as almas a Deus temos dois grandes meios: *Acção Católica, Vida Cristã.*

É neste movimento que nós nos enquadramos: A revista será, tanto quanto Deus e as nossas forças o permitirem, um testemunho, um apelo a esta renovação de vida; nós apanhamos o presente a caminho do futuro enquadrando-nos neste movimento de restauração cristã, servindo a Igreja, devotando-nos a Maria, para glorificarmos a Santíssima Trindade.

O Director

A Mensagem de Fátima

Meus caros seminaristas:

Com muito prazer vos dou estas singelas palavras para a nossa «Novellae». **Também é para vós a mensagem de Fátima.** Na luta ingente em que a toda a hora andais empenhados — **a vossa formação sacerdotal** —, tendes necessidade de conhecer a misericordiosa mensagem que Nossa Senhora veio trazer ao mundo, escolhendo — que grande graça para Portugal! — a nossa Pátria, que sua é também, pois desde pequenina foi baptizada com o nome de «*terra de Santa Maria*». A mensagem da Senhora é toda ela feita de fé luminosa, de esperança firme e de amor ardente. É certo que foi confiada a três crianças. Mas estas crianças em breve se tornaram fortes como os Mártires, sábios como os doutores, missionários como os grandes apóstolos. A mensagem de Fátima é assim — vemo-lo claramente — um convite de Deus feito às almas fortes e generosas para uma vida toda evangélica: **vida de oração, vida de penitência, vida de mandamentos.** E é isto a mensagem de Maria.

Deus, que quer salvar os homens, uma vez mais abriu miraculosamente os tesouros da sua misericórdia, confiando a Maria Santíssima, à Mãe da Divina graça, o afervoramento deste mundo tão frio, tão materializado, tão soberbo! E o coração imaculado da Mãe de Jesus revela-se aos homens em labaredas de amor, chamando-os e exortando-os a que entrem nele, se querem encontrar a paz por que tanto anseiam.

Fátima é hoje uma esperança. Milhões e milhões de homens de todo o mundo têm postos em Fátima os seus olhos suplicantes. Há verdadeira fome e sede pelas coisas passadas na Cova da Iria.

Por toda a parte se fala de Fátima. Dela falam as criancinhas inocentes e puras; dela falam os jovens e as donzelas, que se querem preparar para construir um mundo melhor; dela falam os homens sobre quem pesam as responsabilidades da hora presente; dela falam os que vêem já no ocaso o sol da existência terrena; dela falam também os doentes,

pois dela esperam, pelo menos, a graça da resignação, que santifica, redime e salva; e dela falam, por sua vez, os incrédulos, os renegados, os que se deram à ingloriosa tarefa de destruir o reino de Deus no mundo.

Estes — por quem devemos pedir ao Senhor, — temem-na. É que vêem nela a aurora dum mundo novo, mundo em que tenham lugar, **a fé, a esperança, o amor, a justiça social, a concórdia da família humana, a liberdade de consciência, em que Cristo viva, reine e impere.** É este mundo novo que Nossa Senhora quer reconstruir. É para trabalhar com ela que vós aqui estais. Conhecei, pois, e vivei a Mensagem de Fátima.

E conhecê-la e vivê-la — é conhecer a Deus e viver o Evangelho.

Todo vosso ded.° no Senhor

C.° Amaro



Fátima quer dizer: ressurreição de vida, libertação do pecado, divina iluminação da alma, pacificação do coração; Fé, esperança e caridade; amor de Deus e dos homens; paz, alegria, liberdade (que tais são os frutos do Espírito Santo)

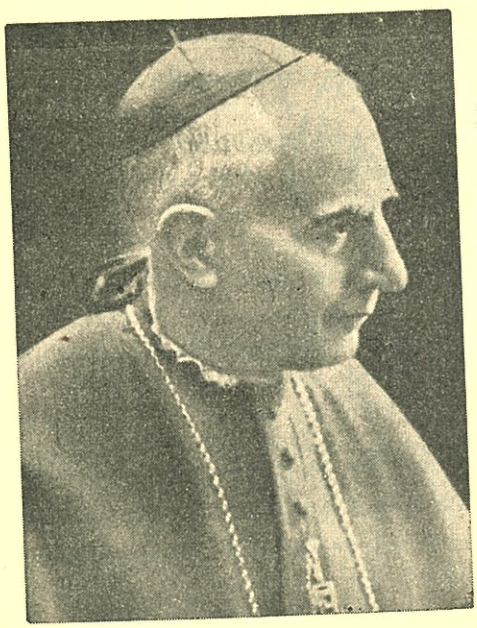
Cardeal Patriarca

Problemas da Cristandade

Uma nova série; ouviremos grandes figuras do mundo actual sobre os problemas mais flagrantes da hora presente.

Fala-nos hoje D. Angel Herrera, figura veneranda do Episcopado Espanhol e sobejamente conhecida através de «El Debate», em que se notabilizou como Director, e da sua acção no domínio do Apostolado Social moderno.

D. Herrera refere-se a Málaga, e aos Padres formados na sua Escola Sacerdotal Social, mas o que Sua Ex.cia Rev.ma diz da diocese que pastoreia, aplica-se mais ou menos perfeitamente a toda a Espanha e até mesmo à nossa Pátria.



Aproveitando a estadia entre nós do Bispo de Málaga, que por motivo do Congresso da Mensagem de Fátima, se achava hospedado no Seminário, dirigimo-nos a Sua Ex.cia Rev.ma que nos recebeu com a maior afabilidade.

À nossa pergunta: — qual o vício do mundo moderno que torna mais difícil a actuação da Igreja — respondeu-nos D. Herrera que, a desmedida ambição das riquezas, absorvendo o homem nas preocupações materiais e afastando-o dos verdadeiros valores de que a Igreja se ocupa.

Acrescentou ainda que a contradição que nós os cristãos ostentamos entre a Fé que professamos

e a moral que praticamos, sobretudo na ordem da caridade e da justiça, levanta o maior dos obstáculos à acção santificadora da Igreja, e à extensão do reinado de Cristo no mundo.

Daqui se infere que as virtudes mais necessárias ao cristão de hoje para levar Cristo ao mundo são a justiça e a caridade.

Animados pelo bom acolhimento com que havia sido recebida a nossa primeira pergunta, prosseguimos: Vossa Ex.cia Rev.ma não desespera quanto ao futuro? não o vê bem trágico? Teremos nós os cristãos algum ponto de apoio que traga a esperança?

— Sim. A devoção crescente do mundo moderno ao Santíssimo Sacramento da Eucaristia, à Santíssima Virgem e ao Santo Padre.

Como devemos reagir diante do comunismo, e dos comunistas? «Mão estendida», ou intransigência nas nossas posições burguesas?

— Mão estendida? De modo nenhum! Mas braços abertos para o comunista. Um abraço cordial ao irmão extraviado.

Distinção nítida entre princípios cristãos e posições burguesas. Defesa enérgica e intransigente dos primeiros. Em relação às segundas, ataque ou defesa, consoante estejam em contradição ou em conformidade com os princípios cristãos.

Depois destas considerações de ordem geral entrámos mais directamente no assunto em que o ilustre Bispo de Málaga é especialista: a Acção Social Cristã.

Acha o Senhor D. Angel Herrera que a Acção Social deverá ser obra exclusiva dos leigos?

— Obra exclusiva, não. Recebe «direcção e impulso» da Hierarquia, representada pelos assistentes.

Estávamos no centro do problema. Para que fundou Vossa Ex.cia Rev.ma a Escola Sacerdotal de Málaga? O Clero ainda estará longe de corresponder às necessidades sociais do nosso tempo?

— Muito longe, e em grande parte, por falta de Clero especializado. Mas convém não esquecer que a falta de Clero para o ministério paroquial dificulta, em extremo a especialização. Por isso mesmo temos de preparar leigos — industriais, comerciantes, operários — para a reforma social. E a acção social do Clero há-de multiplicar-se através deles e por eles.

De que mais precisa hoje o Padre formado na Escola Sacerdotal de Estudos Sociais, para melhor cumprir a sua missão?

— Precisa de tempo e de oração. Tempo, para amadurecerem as

almas do Instituto Social Leão XIII. Oração, que mereça para eles graças do Céu. *Sobretudo a graça de serem sempre, antes de mais nada, sacerdotes!* Homens de vida interior, apaixonados por Jesus Cristo, pregadores constantes da palavra do Evangelho. E um ponto muito importante: que nunca omitam, aos Domingos, a homilia bem preparada . . .

A. J. J. A.

No próximo número, «Novellæ Olivarum» publicará o depoimento interessantíssimo de Sua Eminência o Cardeal Pedro Maria Gerlier, Arcebispo de Lião e Primaz das Gálias.

O PAPA ABENÇOA

A Campanha do Rosário pela Paz

Com o pedido de publicação recebemos do Rev. P.e Fr. Francisco Fernandes Rendeiro, Promotor do Rosário em Portugal, a seguinte Carta:

Acabo de receber uma carta que vou reproduzir na íntegra para alegria de todos quantos ouviram o apelo da Campanha do Rosário pela Paz.

É do nosso Padre Vigário Geral que foi recebido pelo Mestre Geral da Ordem de S. Domingos e pelo Santo Padre, a quem falou da Campanha que estamos a realizar em Portugal com tanto êxito.

Muito Reverendo Padre Francisco Rendeiro O. P.
Director do Seminário Dominicano
e da «Cruzada do Rosário pela Paz»

Meu Reverendo Padre:

Há uma semana que regressei da minha viagem a Roma.

Numa entrevista com o Reverendíssimo Padre Geral, falei-lhe, como ao Sucessor de S. Domingos, das nossas obras, das nossas organizações, das nossas realizações e das nossas esperanças.

Falei-lhe muito particularmente do nosso Seminário Apostólico, esperança do recrutamento da nossa Província. Falei-lhe da nossa «*Cruzada do Rosário Pela Paz*» que V. R. dirige com tanto zelo e dedicação.

O Reverendíssimo Padre mostrou-se muito contente com esta iniciativa tão dominicana e tão benéfica. Abençoou efusivamente o nosso Seminário Apostólico, e muito particularmente a «Cruzada do Rosário pela Paz», desejando-lhe os mais felizes resultados.

Além disso, no dia 28 de Fevereiro, tive o grande privilégio de uma audiência do nosso Santo Padre o Papa.

Durante alguns minutos falei com Sua Santidade e recomendei-lhe a nossa Obra da Restauração da Província de Portugal, todas as nossas outras obras e muito particularmente a «Cruzada do Rosário pela Paz», que corresponde tão bem aos desejos do seu coração paternal.

O SANTO PADRE MUITO INTERESSADO E COMOVIDO COM O QUE ESTAMOS A FAZER POR ESTA CRUZADA DA PAZ, DIGNOU-SE ABENÇOAR O SEU PROMOTOR, TODOS OS ROSARISTAS, TODOS OS QUE NELA TOMAM PARTE, ABENÇOANDO TAMBÉM AS SUAS FAMÍLIAS E TODAS AS SUAS INTENÇÕES.

Estas duas bênçãos: de Sua Santidade o Papa Pio XII, e do nosso Reverendíssimo Padre Geral, representante de S. Domingos-fundador do Rosário, são duas grandes graças para todos nós, dois poderosos estímulos para trabalharmos cada vez com maior dedicação pelas nossas obras e muito particularmente por esta «Cruzada do Rosário pela Paz».

Sinto-me feliz por comunicar a V. R. esta boa notícia, esperando que V. R. a faça chegar a todos os interessados, a todos os que se dão de alma e corpo à «Cruzada do Rosário pela Paz».

Tenho a certeza de que todos se sentirão satisfeitos com esta bênção muito especial que o Nosso Santo Padre o Papa lhes manda.

Receba meu Reverendo Padre a expressão da minha religiosa dedicação e a minha humilde bênção.

P.e Pio M. Gaudrault, O. P
Vigário Geral

«Quando com particular insistência inculca o Rosário, parece dizer-nos que é na imitação da Sagrada Família que está o segredo da paz no lar doméstico.»

Pio XII

Liturgia do Matrimónio

II

I — MISSA MATRIMONIAL

Após a imposição do anel, o celebrante começa o Santo Sacrifício da Missa. Ninguém ignora que o Sacramento do matrimónio pode ser conferido fora da missa. Infelizmente isso é o mais vulgar. Nunca é de mais proclamar a vantagem que há em unir a sua administração ao sacrifício de Cristo. Fundar um lar cristão, é um acontecimento que interessa a toda a Família Paroquial; porque fazê-lo como que às escondidas?

Aliás não é este o pensamento da Igreja ao colocar a bênção dos noivos, não no Ritual mas no Missal? E, o que é mais significativo, não pode ser dada fora da missa! Grande valor tem pois a missa «Pro Sponsis», a que a Igreja deu especial importância ao colocá-la no missal na série das missas da eleição do Santo Padre, a da sua Coroação, Consagração dos bispos e a da ordenação dos sacerdotes. Celebrar um matrimónio sem a sua missa é deixar de aproveitar um manancial de graças para o futuro lar.

Não resisto à tentação de, a breves traços, mostrar a exuberante riqueza doutrinal desta missa. Ela é como que um compêndio de doutrina sobre o matrimónio.

O *Intróito* celebra o casamento de Tobias com Sara, a que já aludimos; as restantes partes cantáveis da missa resumem o Salmo 27 que com um encantador simbolismo realça as glórias do futuro lar: «Uxor tua sicut vitis abundans», «filii tui sicut novellæ Olivarum in circuitu mensæ tuæ», «benedicat tibi Dominus... et videas filios filiorum tuorum».

A Epístola é um trecho da grande carta de S. Paulo aos Coríntios, base da teologia matrimonial. A união entre Cristo e a Igreja é apresentada como modelo e fim deste Sacramento. Verdadeiramente modelo pois diz o apóstolo que as mulheres devem estar sujeitas a seus maridos como a Igreja está submissa a Cristo; o homem é cabeça da mulher e amando-a

ama-se a si mesmo; os homens têm obrigação de amar as suas esposas porque também são carne da sua carne «erunt duo in carne una» (1).

Mas não é só modelo, é também fim: Uniu Deus os esposos com um amor total a fim de que «a casta fecundidade do matrimónio dos santos multiplique na terra os filhos de adopção». Pela união conjugal os esposos são associados à obra de Cristo dando «à Igreja filhos, concidadãos dos santos familiares de Deus a fim de que o povo consagrado ao culto de Deus e do nosso Salvador cresça de dia para dia» (2). É verdadeiramente grande este sacramento «Sacramentum hoc magnum est», grande porque está orientado para Cristo e para a Igreja, «in Christo et in Ecclesia»; é este o pensamento do texto original de S. Paulo.

Por último, o Evangelho, como cúpula de todos estes ensinamentos dá uma séria advertência: «Quod ergo Deus conjunxit homo non separet» (3): Não ouse o homem separar aquilo que Deus uniu. Trabalhe na medida das suas possibilidades e Deus lhe concederá todas as graças de estado. É este o constante pedido da missa «Pro Sponsis».

II — BÊNÇÃO NUPCIAL

A Igreja, tem sempre uma bênção maternal para os momentos mais importantes da vida de seus filhos; esta, porém, parece ser muito diferente de todas as outras. Exceptuado o caso de Indulto Apostólico, não pode ser administrada fora da missa. «Parochus curet ut Sponsi benedictionem solemnem accipiant... sed solum in missa» (4) C. J. C. c 1101 § 1. Como para a consagração das virgens, o celebrante interrompe a missa. Já em 243, no tempo de Tertuliano, era este o cerimonial usado. Após o «Pater Noster» volta-se o ministro Sagrado para os noivos e sobre eles recita duas orações. A primeira, cuja forma remonta ao século VI, pede a Deus, especialmente para a esposa os maiores bens; a segunda propõe-lhe os brilhantes exemplos de esposas da Antiga Aliança «sit amabilis viro ut Rachel, Sapiens ut Rebecca, longeva et fidelis ut Sara» (5). Continua o celebrante o S. Sacrifício da missa normalmente, até que antes de abençoar a Assembleia Cristã, abençoa o novo lar para que os esposos

(1) «*E os dois serão uma só carne*» Mat. XIX, 5.
(2) *Cat. Rom.*, Cap. VIII.
(3) *Math* XIX, 6.
(4) *C. I. C.*, cn. 1101 § 1.
(5) *Missal Romano*, Missa «pro sponsis».

«vejam os filhos dos seus filhos até à terceira e à quarta geração» ([6]) e depois alcancem a vida eterna.

Caso talvez insólito na Liturgia Romana: ordena uma rubrica do missal que neste momento o celebrante faça aos noivos uma breve alocução sobre o amor e a fidelidade conjugal, aconselhando-os à continência periódica «orationis tempore et præserdim jejuniorum ac solemnitatum» ([7]).

Notemos que ao acabar de pedir para os esposos a longevidade e fecundidade, faz-lhes a S. Igreja esta exortação! É que o amor que une os esposos não é sensual mas antes de mais a comunhão de duas almas. Bem sábia e prudente esta rubrica do Missal; quem sabe se o conselho de hoje não será ordem de amanhã?...

III — COROAÇÃO DOS ESPOSOS

Nos primeiros séculos da Igreja, a coroação dos esposos encerrava toda esta série de cerimónias. Algumas liturgias orientais ainda hoje mantêm este rito. Na Igreja Russa, o sacerdote coloca uma coroa preciosa, propriedade da Paróquia, sobre a cabeça dos esposos e diz por três vezes: Senhor, vós os coroastes de glória e de honras. Usam os gregos nesta cerimónia uma coroa de oliveira. Não serão vestígios deste rito as flores de laranjeira que ornamentam a noiva?

Tentei até agora mostrar o sacramento do matrimónio em todo o seu esplendor; dominou-me uma preocupação: conhecer os ensinamentos da Igreja através de sua celebração.

Oxalá o povo cristão bem compreenda isto para melhor o viver. Os fiéis já não se contentam com umas rezas e umas cruzes que o padre faz em um dos mais solenes momentos da sua vida e cujo significado lhes é desconhecido.

IV — UM EXEMPLO PRÁTICO

Para não ficarmos apenas em meras considerações sobre este problema, terminarei o trabalho relatando o caso concreto da celebração de um matrimónio, que embora não seja o ideal, já é muito diferente das

---

([6]) Cf. *Missal Romano*, Missa «Pro sponsis».
([7]) Ibidem.

formalidades a que nos vemos por vezes reduzidos, pois que muitos esposos vão à Igreja como iriam junto de um funcionário do Registo Civil.

Eis pois o exemplo para que cada um, segundo o seu critério e possibilidades, aproveite o que tem de útil, menosprezando o que não for de tanto interesse:

— Segundo prescreve o C. D. C. cc 1018 e 1020, antes de fundarem o novo lar foram os esposos instruídos nos ensinamentos da doutrina cristã, especialmente no que se refere aos deveres e direitos do matrimónio e significado das suas cerimónias.

Por infelicidade, omitiu-se o desejado retiro. Celebrou-se o casamento num domingo de manhã, à hora da missa paroquial em que a Igreja estava repleta de povo. Os noivos foram solenemente recebidos no templo de Deus ao som de um hino triunfal cantado por todos os fiéis.

Chegados à capela-mor, após uma breve oração dos recém-chegados, toda a Assembleia Cristã invocou o Espírito Santo cantando «Ó Espírito Divino...». O pároco, interrogou a família paroquial sobre a existência de algum impedimento que obstasse à realização daquele matrimónio e em seguida pronunciou uma vibrante prática sobre os efeitos e santidade deste Sacramento. Vemos já por aqui como aquela multidão que enche a Igreja, a pouco e pouco irá ficar com um conhecimento perfeito do matrimónio.

Finda a alocução, o pároco abençoou o Sacramento e imediatamente se seguiu a missa, participada e vivida por toda a Assembleia, de um modo especial pelos noivos. Foi sobremaneira significativo o ofertório em que os próprios noivos levaram ao altar, ele o vinho e ela uma hóstia um pouco maior do que as vulgares, porque à comunhão se havia de partir e dar a ambos, significando-se assim concretamente a união dos esposos em Cristo. Um representante da Assembleia Cristã levou ao celebrante as hóstias para a comunhão dos restantes fiéis.

Terminado o Santo Sacrifício da missa que neste dia se revestiu de uma solenidade especial; feita a devida anotação do matrimónio celebrado, foi possível ao pároco acompanhar os esposos nesse dia como fizera Cristo em Caná. Chegados junto da nova casa, o esposo entregou a chave à sua companheira. Esta imediatamente abriu a porta e convidou a entrar todos os presentes, oferecendo-lhes em seguida pão, água e sal, símbolos da hospitalidade. Procedeu o pároco à bênção da casa, e em seguida, a do leito conjugal. Que lindo gesto! Em todos os recantos da casa é Cristo que reina. No novo lar, tudo foi santificado. Não se omitiu

a linda prática da entronização da Imagem do Sagrado Coração de Jesus. Nos dias de hoje em que Cristo é banido de tantos lares, prestemos esta justa homenagem de reparação ao nosso mestre, tão indulgenciada pelo Santo Padre. Disse o Senhor a S. Margarida Maria que amava com especial predilecção as famílias que lhe realizassem este desejo!

Quantos pecados não poderá evitar a presença de Cristo tão sensìvelmente em todas as casas da Paróquia? Só as obrigações que os noivos contraem para com o Coração de Jesus neste dia, a saber: levar uma vida matrimonial inteiramente conforme às leis da Igreja, oferta das obras diárias aos pés da imagem do Senhor, hora santa semanal, celebração do aniversário da entronização (que afinal é o aniversário do casamento), estas promessas só por si são fonte de graças para a lar. São santificados todos os dias, são dedicadas ao Senhor todas as semanas, todos os meses, todos os anos, numa palavra toda a vida é do Senhor.

Fazendo pois na medida do possível como estes fizeram, há grande vantagem em procurarmos por todos os meios ao nosso alcance dar um sentido cristão à família para que Cristo volte a reinar de novo na Sociedade e cesse para sempre o blasfemo grito dos judeus: «Não queremos que ele reine sobre nós».

ARMINDO DOS SANTOS DUARTE

«Abençoai Senhor este anel que em vosso nome nós abençoamos. Aquela que o trouxer, guardando a seu esposo fidelidade inviolável, permaneça em paz, na vossa vontade e viva sempre em mútua afeição».

RITUAL ROMANO

Leituras litúrgicas em língua vernácula

Pareceram-nos deveras interessantes as normas pastorais, precedidas duma justificação jurídica, que D. Jean-Julien Weber dirigiu ao seu clero, sobre o problema das leituras em vernáculo, durante o Santo Sacrifício da Missa. Publicamo-las, certos de que irão esclarecer em muitos pontos, dúvidas que inevitàvelmente se levantam, ao procurar pôr em prática as exortações da Igreja, para uma melhor participação dos fiéis na Sagrada Liturgia.

Disseram-me que o artigo publicado sob este título no Boletim eclesiástico de 1950, pág. 381 e completado por uma rectificação, pág. 460, suscitou certa agitação no clero.

Confesso que não compreendo muito bem esta agitação. Que um pároco pela leitura do artigo em questão tenho dito, «Isto bem pensado não me é possível, tendo em vista a disposição da minha igreja ou as dificuldades actuais de realização», admito-o absolutamente. Uma proposta, uma perspectiva que se oferece, não é de modo algum uma ordem mas apenas um tema para reflectir ou um convite a uma experiência. Mas o que eu receio, é que haja nesta agitação de alguns uma atitude de reacção por sistema, uma oposição de inteligência e de pessoas. E isso é que lamento e não compreendo.

Falemos com lealdade. Sinto-me preso, mais do que ninguém, à liturgia romana e à língua latina como língua dos nossos ofícios. Não gosto de fantasias nem de «paraliturgias» . O clero como as paróquias devem ater-se às regras fixadas pela Igreja, e a todas as regras.

Se não se lhes presta atenção, arriscamo-nos a desprezar as rubricas e a criar particularidades pessoais ou paroquiais.

Para todos há necessidade de fazer de vez em quando um exame de consciência a este respeito, mesmo que se esteja convencido duma grande fidelidade à tradição. Aliás, devo acrescentar que na maioria das nossas paróquias as cerimónias se fazem com dignidade e piedade.

Tudo isto pressuposto e afirmado, não podemos, no entânto, nem devemos ignorar, que existe na Igreja no momento actual um movimento de renovação, de retorno às fontes, de restauração das instituições, no seu sentido primeiro e autêntico. A iniciação e a associação cada vez mais efectiva do povo à Liturgia, que é um dos aspectos da vida da Igreja, faz parte desta renovação. O Papa Pio XII na Encíclica *Mediator Dei,* o vosso bispo nas suas directivas ou cartas pastorais, têm manifestado claramente a sua aprovação a este movimento, que é necessário compreender, ao qual é forçoso associarmo-nos, e a que nos não devemos furtar. A Liturgia não deve ser e não é privilégio dum grupo; ela deve ser a preocupação de todos os padres porque o é de toda a Igreja. Ela não se opõe em nada ao apostolado das obras ou dos organismos da Acção Católica, igualmente necessário, mas completa-o dá-lhe uma alma.

Neste esforço de renovação vem em primeiro plano tudo o que põe as cerimónias e os textos litúrgicos ao alcance do povo: uso de pequenos Rituais trilingues para os sacramentos, convite aos católicos a que tenham um missal tão completo quanto possível, explicações dadas ao longo das cerimónias especiais, leitura dos textos litúrgicos nos ofícios, em língua vulgar após a sua leitura em latim...

Estas medidas, sàbiamente praticadas, são salutares e estão no espírito da Igreja: assim não existe actualmente nenhuma proibição de traduzir os textos das missas e do canon da missa (nem sempre assim foi); são inúmeros os missais para os fiéis, munidos das mais altas aprovações. Eu próprio ouvi em Roma durante a canonização de S. Nicolau de Flue, um padre explicar ao microfone a cerimónia, em plena basílica de S. Pedro. A Congregação dos Ritos autorizou tanto em França como na Alemanha, a publicação de Rituais oficiais bilingues. A Comissão bíblica num decreto de 22 de Agisto de 1943 (A. A. S. pág. 271) sobre a conformidade que devem apresentar os textos lidos em língua vulgar durante a missa com a Vulgata (entendendo-se que se pode ilustrar o texto por aproximações com o texto autêntico) exprime-se nestes termos: «*A versão para língua vernácula das perícopas litúrgicas que acaso os*

sacerdotes, celebrando a Santa Missa, lerem ao povo, segundo o costume ou a oportunidade, depois de lido o próprio texto litúrgico...».

Estas palavras supõem que o sacerdote oficiante pode, após a leitura dos textos litúrgicos em latim, ler a sua tradução em língua vernácula; nada mais nos indica.

Nos textos oficiais mais antigos, encontram-se indicações semelhantes. Assim, o Ritual Romano, título I, n.° 10, escreve a propósito dos sacramentos:

O Sacerdote «*explicará diligentemente, pela doutrina dos S.tos Padres e do Catecismo Romano onde còmodamente se puder fazer, o valor, emprego, utilidade e significado das cerimónias dos sacramentos na sua administração, segundo preceitua o Concílio de Trento*» (1).

Trata-se de explicações facultadas mesmo durante a administração dos sacramentos, em momentos oportunos evidentemente. Não podemos omitir aqui a transcrição da passagem mais importante do Concílio de Trento a respeito das explicações a dar no decurso da celebração da santa missa: «*Embora a missa contenha preciosos ensinamentos para o povo, no entanto pareceu aos Padres que não conviria celebrar-se indistintamente (passim) em língua vulgar* (2). *Por isso conservando-se no entanto em toda a parte qualquer rito antigo de alguma igreja particular, aprovado pela Santa Igreja Romana mãe e mestra de todas as igrejas, manda o Santo Concílio aos pastores e a todos os que têm cura de almas, que frequentemente durante a celebração da missa, sobretudo nos Domingos e dias santificados, exponham por si ou por outros, alguma coisa do que é lido na missa* (que façam conhecer, que expliquem, o que supõe uma leitura antecedente), *e dêm a conhecer algo dentre as restantes cerimónias (mysteria) deste santíssimo sacrifício,* (que façam conhecer o sentido dos ritos). (Sess. 22, cap. 8).

Este texto, estabelecido, após longa discussão, é de compromisso: recusa por um lado a celebração da missa em língua vulgar, pedida pelos protestantes, como não se impondo (non expedire). Mas reconhecendo por outro lado o valor instrutivo dos textos litúrgicos e das cerimónias, os

---

(1) Conc. de Trento. Sess. 24, de Ref. cap. 7—cf. Cat. do Conc. de Trento. Pars II, cap. 4.

(2) O concílio definiu mesmo um canon sôbre esta celebração exclusiva da missa em língua vulgar: «Se alguém disser, . . . que a Missa se deve celebrar sòmente em língua vulgar, seja anátema» (Denzinger, 956).

Padres pedem instantemente aos pastores de almas, que não privem os fiéis deste alimento, que lhes dêem uma explicação e consequentemente uma tradução quando se tratar de textos, e isso «*dentro da celebração da missa*» sobretudo nos domingos e dias de festa.

Um conhecido comentador acrescenta: «Este texto não limita as explicações à Epístola e ao Evangelho; não precisa tão pouco, que se devam fazer necessàriamente na altura da homilia» (3).

Acrescento, para ser completo nas minhas informações que temos já há muito tempo na Alsácia, em língua vulgar e em plena Missa Solene, a cerimónia da comunhão solene das crianças, e que na maior parte das congregações religiosas femininas o ritual da profissão prevê textos e fórmulas em língua vulgar, em diversos momentos da missa (ofertório e comunhão).

Tendo em conta este estado de coisas e estes textos, achamos que é do dever dos padres associar o mais estreitamente possível o povo às cerimónias do culto não só pelo canto, mas também por uma compreensão mais profunda do sentido dos ritos e do alcance das palavras litúrgicas, especialmente das passagens da Sagrada Escritura, lidas no decorrer dos ofícios. Isto pode e deve fazer-se no catecismo, nos sermões, na prègação inspirada na liturgia e na Sagrada Escritura) e também no decorrer da celebração das diversas funções litúrgicas. Sobre este último ponto, eis o que me parece prudente recomendar ou permitir (a título de experiência), conforme o caso:

1) *Missa rezada* — Não só é permitido mas até recomendado (enc. *Mediator Dei)*, sobretudo se trata duma missa mais solene ou da missa paroquial, dialogar esta missa: o povo diz, quer com o acólito, quer com o celebrante, tudo o que normalmente o ajudante diz ou o coro canta: é fácil quando a Igreja não é muito grande. — É igualmente permitido, e mesmo de aconselhar, que se faça ler por um leitor bem formado, em língua vulgar (francês ou alemão conforme o auditório), a tradução das

(3) A. G. Martimort, professor na Faculdade de Teologia de Toulouse, em Maison-Dieu — n.º 11 (1947) p. 50. Todo o número é consagrado a «línguas e traduções litúrgicas». Remeto também para um artigo de F. X. Arnold, professor em Tübingen, contido no livro *Die Messe in der glaubensverkündigung*, Freiburg i. Breisgau Herder, 1950.

orações próprias da missa e mesmo um resumo do canon, enquanto que o padre o recita em latim. Este último processo, que se pode muito bem combinar com o primeiro, permite associar mais perfeitamente ainda a assistência (sobretudo as crianças) ao santo Sacrifício. Poder-se-ia também juntar às leituras uma curta explicação ou alguns cantos apropriados. — Há pequenos manuais que facilitam as coisas, e estas práticas já estão bastante espalhadas pela diocese. — Peço que nas missas rezadas do matrimónio e de enterro se leia ao menos a epístola e o evangelho: nessas ocasiões têm-se presentes pessoas que não vêm regularmente aos ofícios, e é necessário instruí-los nessa ocasião.

2) *Missa cantada sem ministros sagrados* — Não é preciso interromper a cerimónia com leituras incessantes. Por outro lado, o padre não deve deixar o altar senão para a homilia ou sermão, depois do canto do evangelho, e deve cantar no altar em latim todas as partes que lhe competem. No entanto é permitido que um leitor de sobrepliz (poderá ser um dos acólitos) cante a epístola no coro, em latim, enquanto que o sacerdote o lê no altar em voz baixa (Ritus servandus in celebratione Missae, tit. VI, n.° 8). Não vejo inconveniente em que, depois do canto da epístola em latim, quer o leitor no coro, quer um leitor mesmo leigo, mas fora do coro, ou em rigor na sua ausência, o sacerdote, leia do altar a epístola em língua vulgar. Se isto não se fizer, é o celebrante (ou o pregador) que deve ler a epístola em língua vulgar do púlpito, antes da leitura do evangelho cuja leitura lhe é sempre reservada; seguem-se então as publicações e o sermão. Isto deve fazer-se aos domingos e dias de festa, mas poder-se-á fazer também noutras missas solenes; desejo vivamente que se faça nas missas cantadas de casamento e de enterro, pelas razões acima apontadas. — Nos casamentos e enterros, poder-se-ia ler a tradução de certas orações, depois das ter dito em latim.

3) *Missa solene com diácono e sub-diácono* — A missa solene deve cingir-se estrictamente ao rito romano (incluído o ósculo da paz). No entanto, ainda aqui, não vejo inconveniente em que após o canto da epístola em latim, o sub-diácono leia a tradução ao povo, e que após o canto do evangelho em latim, o diácono leia a tradução. Se não se fizer isto, o pregador lerá do púlpito os dois textos.

É preciso, evidentemente, que a acústica da igreja se preste a estas leituras fora do púlpito, ou então que as leituras estejam sonorizadas por alto-falantes. Quanto à língua empregar-se-á a que, ou as que parecerem

melhor adaptadas ao público: o problema é o mesmo quer a leitura se faça ou não do púlpito.

4) *Cerimónias extraordinárias*—Será bom explicar do alto do púlpito ou da entrada do coro as cerimónias extraordinárias, resumindo as orações recitadas pelo celebrante (assim nas ordenações, consagrações de igrejas ou de altares, mesmo durante a semana santa...). É um padre, ou pelo menos um clérigo de sobrepliz, que o fará, brevemente, servindo-se dum texto preparado de antemão e colocando as explicações em momentos que não incomodem o celebrante. Escrevendo isto não creio ter passado para além do que diz a letra dos documentos acima citados ou ter sido infiel ao seu espírito.

Lembro que é estrictamente proibido continuar a missa solene durante o canto do *Credo,* sob pretexto de ganhar cinco minutos, e que as missas diante do Santíssimo Sacramento exposto são muito contrárias ao espírito da Igreja: é preciso, a pouco e pouco eliminar o uso, salvo nos dias em que o direito as autoriza (cn. 1247).

Permito-me juntar três pormenores com respeito à missa solene:

1) A não ser que haja aspersão com água benta, o intróito pode cantar-se desde a entrada do celebrante: é o seu lugar normal *(ad introitum),* e corresponde à rubrica do gradual de Pio X (De rit. serv. in cantu Missae, I). Se houver aspersão, canta-se o intróito desde o começo da missa.

2) Poder-se-á, segundo o antigo rito, repetir o primeiro versículo do gradual depois do segundo (ib., IV). O gradual é na realidade um «*responsorium graduale*». Em certos casos, o texto não tem sentido, a não ser que se repita o primeiro versículo (veja-se por exemplo, o gradual da festa de S. João Baptista).

3) A «comunhão» é o canto que acompanha a comunhão dos fiéis: pode parecer natural que o coro a cante durante esta comunhão, se um número bastante elevado de fiéis se aproximam da Santa Mesa na missa solene. Poder-se-ia mesmo alternar esta antífona com os versículos do salmo correspondente, agrupados dois a dois (a maior parte das comunhões, são formadas por um ou mais versículos dum salmo, indicado no

missal), ou com os versículos do salmo *Laudate Dominum omnes gentes*, que faria parte do Hallel, grupo de salmos que Nosso Senhor cantou ou recitou depois da Ceia. Fazendo-o, permanece-se na antiga tradição, e evita-se um silêncio excessivamente longo ou uma peça de órgão comprida demais.

Serão possìvelmente coisas pequenas as que acabo de indicar, pelo menos permitem a um sacerdote zeloso organizar melhor e fazer compreender melhor o ofício divino aos que estão confiados à sua solicitude: é um dos nossos deveres pastorais.

JEAN-JULIEN WEBER
Bispo de Strasbourg

Sem dúvida sabeis muito bem que esta Sé Apostólica teve sempre o maior cuidado de que o povo a si confiado fosse imbuído dum verdadeiro e prático sentido da Liturgia...

É necessário, antes de mais nada, esforçar-se por que todos obedeçam, com a devida reverência e fidelidade aos decretos publicados pelo Concílio de Trento, pelos Romanos Pontífices, pela Congregação dos Ritos...

«Mediator Dei»

Crónica de hoje

De Salamanca

Saímos para férias no último dia de Junho, mas ainda cá estávamos bastantes, ao meio-dia, quando chegou um grupo de alegres Seminaristas de Salamanca. Férias bem aproveitadas... Conhecer Portugal... Traziam já saudades de Coimbra, tinham rezado muito aos pés da Virgem, em Fátima.

Recebemo-los com «Arriba, España!» bem sinceros, o que nos valeu uns deliciosos números de música espanhola. Música regional, já se vê, lindas melodias de Granada, jotas aragonesas...

As nossas melhores vozes já cá não estavam, mas ainda assim ripostámos com algumas canções alentejanas. Mas «nuestros hermanos» encerraram a disputa com um terceto mavioso e faltou-nos a coragem para tornar a abrir pio.

À noitinha voltámos a discutir a superioridade ibérica num amigável desafio de futebol. Ia-nos saindo caro o atrevimento. Com muita dificuldade lá conseguimos um empate honroso. Era já noite cerrada quando rezámos o Terço em dois grupos, no campo de futebol. Nós entoávamos: «Ave, Maria, cheia de graça...». Eles respondiam: «Santa Maria, Madre de Diós, ruega por nosotros, pecadores...». Estavam ali representadas duas nações diferentes, uma linguagem única: a oração; e num anseio comum: o sacerdócio.

A visita dos nossos irmãos de Salamanca foi uma lição magnífica de juventude e entusiasmo. Daqui lhes enviamos um abraço amigo. E que continuem todos, com a graça de Deus, na difícil escalada à montanha do Sacerdócio.

Férias

Para os alunos de um Seminário Maior, as férias são já uma experiência, uma tentativa de adaptação à vida prática. Por isso não exagero se disser que cada um levava os seus sonhos, os seus planos. Atrevo-me a afirmar que elas se alimentam das lutas por realizar tais sonhos, e das decepções por não conseguirmos realizá-los totalmente. É bem verdadeiro o pensamento de Pascal: «Somos tão miseráveis que não somos capazes de igualar as nossas forças às nossas aspirações, e somos tão grandes que não podemos reduzir as nossas aspirações às nossas forças».

Reuniões de férias

As habituais reuniões de férias foram substituídas por uma estadia no Seminário, de 10 a 15 de Agosto. Um dia de Retiro, e participação activa nas Cerimónias da Sagração da nova Igreja de Santo Condestável. No dia 14, da Igreja já sagrada, Pontifical de assistência celebrado pelo Pároco, Rev.^{mo} Cónego Fernando Duarte. No dia 15 assistimos todos, na Sé, ao Pontifical Soleníssimo a comemorar a proclamação do Dogma da Assunção de Nossa Senhora.

— Por viverem muito longe e a viagem ser dispendiosa, os Seminaristas das Beiras contentaram-se com uma reunião no Outeiro de S. Miguel, perto da Guarda. Lá tiveram a alegria de encontrar os nossos Rev.^{mos} Directores Espirituais, e o Sr. P.^{e} José da Felicidade Alves, que ali se tinha refugiado para fazer render ao máximo umas «férias» (?) de estudo contínuo.

Mais um ano que desponta...

E a 27 de Setembro viemos encontrar já concluída a nossa Igreja, o primeiro lugar de peregrinação para todos os que vinham chegando. No dia seguinte o Rev.^{mo} Sr. Cónego Vice-Reitor benzeu o novo templo e celebrou Missa Solene do Titular, Cristo-Rei.

O que todos nós mais admiramos é a sobriedade artística da Capela-Mor: não são apenas os mármores nus, os vitrais de Almada Negreiros, o maravilhoso trabalho de cerâmica de Jorge Barradas. É sobretudo o altar-mor, bloco magnífico de mármore negro, no lugar de mais evidência... O altar onde se celebra a Santa Missa...

Os nossos agradecimentos vão, antes de mais, para o nosso Eminentíssimo Prelado — esta Igreja é mais uma rosa, fresca e

perfumada a engastar na sua coroa mais gloriosa — o trabalho pelos Seminários.

Vão em seguida para todos os Benfeitores que tornaram possível a construção de tal obra de arte; dum modo especial para os fiéis obscuros das pedras pequeninas e para os humildes obreiros que durante três anos ali empregaram o melhor do seu esforço.

Retiro

O nosso retiro anual, de 28 de Setembro a 3 de Outubro, veio mesmo na altura própria, a fornecer energias para o novo ano... O fruto de um Retiro depende das disposições de cada um, mas rende muito mais quando somos conduzidos por mão de mestre... Tivemo-lo este ano. O. Rev. D. Bento, Pároco da Graça, fez-nos umas conferências simples e profundas. Espiritualidade à maneira de D. Columba Marmion, baseada num conhecimento perfeito da Sagrada Escritura, e numa síntese feliz de apelo à inteligência e à sensibilidade.

Terminou o Retiro na Festa de Sta. Teresa do Menino Jesus, a Santa dos grandes voos na vida humilde e apagada... Pois foi na mesma ordem de ideias que dois dias depois veio falar-nos o nosso Eminentíssimo Prelado. Sua Eminência insistiu no cumprimento das coisas pequeninas para cumprirmos fielmente as maiores. Foi com essa orientação que começámos este ano.

Aulas

Entrámos em aulas no dia 4. Logo de manhã, Missa Cantada do Espírito Santo, a pedir-Lhe especial assistência para este ano. Terminada a Missa, os nossos Reverendos Professores aproximaram-se do Altar, e diante do Rev.mo Sr. Cónego Vice-Reitor, que ali representava o nosso Prelado, fizeram a Profissão de Fé e o Juramento Anti-modernista.

«Eu,... firmemente abraço e aceito todas e cada uma das verdades que o Magistério Infalível da Igreja definiu, afirmou e declarou, dum modo especial as verdades mais combatidas nos tempos de hoje...».

É a garantia de que havemos de trilhar sempre as Caminhos da Verdade, na obediência total às normas da Santa Sé.

Não é difícil descobrir aqui e ali, na cristandade, sintomas de instabilidade, de incerteza... Alguns pastores chegam mesmo a confessar que não receiam tanto os adversários da Igreja como os perigos que poderão vir de dentro... Só a confiança no Magistério Infalível será capaz de garantir a estabilidade. Por isso nós acreditamos na Igreja. Acreditamos e queremos viver na obediência cega à sua doutrina.

Professor novo

No quadro docente do Seminário passa a figurar também o Rev. P.e Eng.o Manuel Franco Falcão, Professor de Ciências, História da Igreja e Acção Católica. Ainda em Junho último era contado entre os alunos do Seminário e já mereceu a confiança do nosso Pastor que o julgou digno de ocupar a Cátedra num Seminário Maior Aliás o facto só vem confirmar as qualidades magníficas que sempre o distinguiram como Seminarista...

A. J.

BIBLIOGRAFIA

Josse Alzin — **Voici venus les jours du prêtre — Méditations sacerdotales modernes** — Éditions Spes — 79, Rue de Gentilly, Paris (XIIIe).

«Eis que chegaram os dias do padre, homem igual aos mais pobres, vivendo da sua vida, misturado com eles, companheiro, irmão, exposto a todas as tentações, entregue, doado, isento de honras humanas, apoiando-se sobre a graça omnipotente...».

Isto escreveu-o François Mauriac. Um padre escritor quis, lendo-o, «meditar alto» sobre a missão do padre de hoje.

Tendo exercido o sacerdócio no ensino, na paróquia, nas obras da Acção Católica, nas prisões, nos campos de concentração, permite-se, não aconselhar os seus irmãos, mas admirar com eles sob a forma de meditações muito actuais e sinceras a grandeza do padre deste tempo e a esperança que o mundo de hoje deposita nele.

O autor acredita firmemente que as almas modernas e os povos hodiernos voltam os olhos para o padre esperando dele o que nada e ninguém mais lhes pode dar.

IMAGENS — MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS

E

TODOS OS ARTIGOS
PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA

Casa fundada em 1866

SOUSA TAVARES, L.DA

220 — RUA AUGUSTA — 222 Telefone 2 7757 LISBOA

Pratas de arte, jóias, bronzes artísticos, pratarias para o Culto

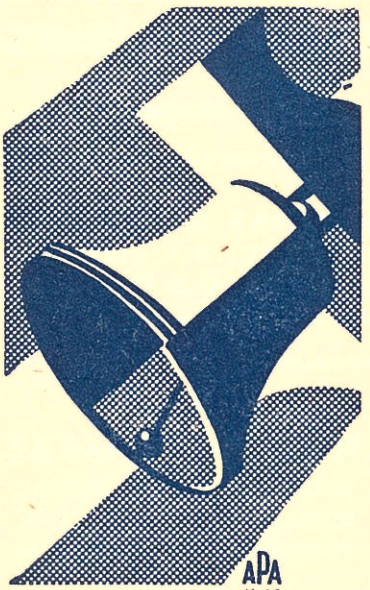
realizadas pela célebre
OURIVESARIA ALIANÇA
nas suas oficinas próprias
e muito bem organizadas.

Fornecem-se orçamentos
Preços módicos

OURIVESARIA ALIANÇA
Celestino da Motta Mesquita
Proprietário

Sede:
Rua das Flores, 191 a 211
PÔRTO

Filial:
Rua Garrett (Chiado), 50
LISBOA



NÃO SE ALARME

COM O INSUCESSO, NEM COM A COMPLICAÇÃO DA TÉCNICA FOTOGRÁFICA A MAIOR ORGANIZAÇÃO NO SEU GÉNERO EM TODO O MUNDO TEM ESTUDADO E RESOLVIDO OS MAIS COMPLEXOS PROBLEMAS PARA OS PÔR FÁCILMENTE AO SEU ALCANCE
CONSULTE

Kodak
KODAK LTD - RUA GARRETT

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

Rua da Vitória, 82 a 88 — Rua do Ouro, 166 a 170

Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha — Lustres — Lâmpadas — Lanternas — Placas — Castiçais

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS
CASAS DE BANHO
PÁRA-RAIOS

AQUECIMENTO CENTRAL
VENTILAÇÃO
ASCENSORES

ELÉCTRICAS
CONTRA INCÊNDIOS
TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

CASA PORTUGUESA

Grandes oficinas gráficas

Composição mecânica

RUA DAS GÁVEAS, 103

TELEFONES P. B. X. 21271-27817

LISBOA

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços-Exclusivos
Secção de cachecois e lanifícios de côr

DESCONTOS A PRAZOS

COVILHÃ

CASA AMÉRICO FÂNZERES

OFICINAS DE IMAGENS, PINTURAS, DOURAMENTOS E OBRAS DE TALHA. RESTAUROS. PINTURAS DE TELAS E CETINS.

Largo de S. João do Souto — BRAGA

TELEFONE 2704

MÁRMORES E CANTARIAS

Pardal Monteiro, Limitada

(Casa fundada em 1888)

Sede e instalações industriais:
PERO PINHEIRO

EM LISBOA:
Estrada de Benfica, 167 a 171 (Sete Rios)
Telefones: P. P. 18 e 74307

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

A TOSSE



VOA

COM

BENZO-DIACOL